



A professora Aziza Drumond fez um levantamento histórico sobre as fazendas localizadas no DF

Professor quer que satélites gerem empregos

A palestra feita ontem pelo professor de **Geografia Urbana da Universidade de Brasília**, Aldo Paviani, no seminário "Brasília Anos 80", foi dividida em 10 trabalhos geográficos, dentro dos aspectos especiais da cidade, bem como da distribuição de sua população e evolução. O professor enfatizou a centralização das funções no Plano Piloto, devido à baixa oferta de empregos na periferia de Brasília. Segundo Paviani, as cidades-satélites deveriam ter uma função de formar empregos, no entanto, "isso não ocorre. As cidades-satélites estão tendo a função de formar mão-de-obra. Em 1970, quase metade da população morava no Plano Piloto, em acampamentos e favelas, e esses números estão bastante alterados hoje".

De acordo com uma pesquisa feita sobre distribuição da população urbana de Brasília, o professor recolheu os seguintes dados em relação aos anos de 1970 e 1980: 1970 - Taguatinga, 20 por cento de habi-

tantes; Gama-14% de habitantes; Sobradinho-7 por cento de habitantes; Guará - 5%, Planaltina - 3 por cento, N. Bandeirante-2%, Brazlândia 2% e Plano Piloto 46 por cento de habitantes. Ao entrar o ano de 1980, a pesquisa registra os seguintes dados: Taguatinga, 18% de habitantes; Guará 15 por cento; Gama, 15%; Ceilândia, 12 por cento; Sobradinho, 6%, Planaltina 5%; Brazlândia 2%; N. Bandeirante 2% e Plano Piloto, 24% de habitantes.

Para o professor, essa crescente concentração da população na periferia da cidade dificulta o deslocamento das pessoas e dos bens, centralizando as funções de emprego no Plano Piloto, criando uma central de mercado de trabalho e da concentração da renda. Considera, no entanto, que há uma tendência crescente quanto às atenções do planejamento e da própria sociedade para questões sociais e econômicas com relação às cidades-satélites.

Para Aldo Paviani, a preocupação do geógrafo, hoje, tem que ser o atendimento das populações periféricas para um planejamento não apenas físico, mas social. "Brasília não teve a preocupação na medida exata de sua importância. A contribuição do geógrafo é para que o espaço não seja visto como rígido e intocável, mas pelo contrário, seja maleável. Acho que nos 20 anos de Brasília é um bom momento para se repensar isso".

FAZENDAS

A professora Aziza Drumond, da UnB, apresentou ontem, no Seminário "Brasília Anos 80", o trabalho "Fazenda e Fazendeiros", uma coletânea de dados obtidos em fontes primárias: arquivos da Terracap, Divisão de Terras e Colonização da Fundação Zoobotânica; cartórios de Luziânia, Formosa e Brazlândia, e através de entrevistas com alguns fazendeiros. Dividido em nove partes, o tema

procura historiar o desenvolvimento das fazendas localizadas na área do Distrito Federal desde a primeira Constituição da República, de 1891, cujo artigo 3º estabeleceu: "Fica pertencendo à União, no Planalto Central da República, uma zona de 14.400 quilômetros quadrados, que será (oportunamente demarcada, para nela estabelecer a futura Capital Federal" até os dias de hoje.

Para a professora, "a melhor solução para um rápido desenvolvimento no meio rural do DF, seria criar as condições necessárias para que o homem rural organizasse e obtivesse incentivos, através de um processo racional de utilização da terra, com sua conseqüente fixação ao solo, numa região em que as condições naturais e culturais são marcadas, inegavelmente, por expressiva originalidade geográfica".

Para realizar o trabalho, Aziza percorreu quase todo o quadrilátero das 103 fazendas existentes no Distrito Federal e antigos povoados limítrofes.